

A ESCRITA ALFABÉTICA: SISTEMA NOTACIONAL E NÃO UM CÓDIGO

SHELDA MENDES RIBEIRO COSTA¹; CARMEN REGINA GONÇALVES
FERREIRA²; NATANI BIERHALS WITH³; MARTA NORNBORG⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – sheldsmendes1999@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - carmenreginaferreira@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas - natanibwith@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – martanornberg0@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A criança ou adulto em fase alfabetização passa por um longo e complexo processo cognitivo para aprender como o sistema de escrita alfabética (SEA) funciona. Para tanto, terá que entender o que as letras notam/representam e como criam notações/palavras escritas (Ferreiro, 1985). Assim, terá o aprendiz, segundo Moraes (2012), que reconstruir em sua mente as propriedades que constituem esse sistema que " não se resume apenas à transcrição fonética, mas envolve um complexo processo de codificação e decodificação de significados" (Moraes, 2012, p. 32). Tais propriedades vão desde entender que se escreve com um repertório finito de letras com formatos fixos, que obedecem a ordens de representação dentro da palavra, até questões mais complexas como entender que as letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas que pronunciamos, dentre outras propriedades desse sistema. Isso significa dizer que existe um certo conjunto de regras ou propriedades que regem o funcionamento desse sistema orientando de que forma as letras funcionam para registrar o que se deseja comunicar.

Nesse sentido, a escrita alfabética é considerada um sistema notacional, e não um código, devido à sua complexidade e ao nível de interpretação que exige. Um código implica uma correspondência fixa e direta entre símbolos e significados, enquanto um sistema notacional, como a escrita alfabética, permite variações e exige um entendimento contextual e processual para ser compreendido de forma eficaz. Moraes explica que "a escrita alfabética envolve uma série de processos cognitivos que vão além da simples transcrição de sons, incluindo a compreensão do contexto em que as palavras são usadas e a habilidade de inferir significados" (Moraes, 2012, p. 62).

Desse modo, o aprendizado da escrita alfabética requer que o aluno desenvolva não apenas o reconhecimento de letras e sons, mas também a capacidade de relacionar esses elementos com a estrutura e o significado das palavras em contextos específicos. A eficácia desse sistema reside na habilidade do aprendiz de entender como as palavras se conectam e se transformam dentro de situações variadas, o que vai além da mera decodificação. Compreender os contextos de uso, as regras que regem a formação de palavras e as funções que elas desempenham no discurso são aspectos essenciais para o domínio pleno da escrita alfabética e que precisam estar na base dos conhecimentos de alfabetizadoras.

Partindo dessa premissa, o presente estudo tem como objetivo analisar documentos pedagógicos elaborados pelas orientadoras de estudo do PNAIC

(Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), com o intuito de discutir o conceito de sistema de escrita alfabética e problematizar se o compreendem como um sistema notacional, e não um código. Com isso, busca-se aprofundar a compreensão que as professoras desenvolvem sobre a escrita alfabética e suas implicações para o ensino e a aprendizagem discutidas no contexto de formação continuada.

2. METODOLOGIA

Este estudo está vinculado ao Projeto Pensamento Pedagógico e Desenvolvimento Profissional Docente, proposto em continuidade ao Observatório OBEDUC Pacto/UFPEL. Os dados são oriundos de coletas realizadas durante os encontros presenciais do PNAIC de 2013-2017, que originou a criação de um banco de dados reunindo documentos pedagógicos elaborados pelas professoras participantes do programa coordenado pela UFPEL.

As professoras cursistas, que atuavam como orientadoras de estudo no programa, realizando a formação de suas colegas nas redes de ensino que trabalhavam liam previamente os textos dos cadernos de formação e, antes de iniciar as discussões, respondiam a perguntas relacionadas à temática que seria estudada em cada módulo de formação. Para este estudo serão explorados os dados coletados na primeira edição do programa em 2013, referentes à pergunta: "Por que a escrita é um sistema notacional e não um código?". Com base na análise das respostas das professoras, orientadoras de estudo, foram delimitadas duas categorias principais: imprecisão conceitual e esforço de articular ideias e conceitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O foco principal dos resultados situa-se na categoria esforço de articular ideias e conceitos em que se destaca o raciocínio pedagógico das professoras em torno da construção de um entendimento sobre o Sistema de Escrita Alfabética (SEA) embasado nas definições propostas por Moraes (2012). As participantes do PNAIC não estão apenas emitindo opiniões, mas construindo elaborações conceituais sobre a natureza do SEA. A análise dessas respostas revela os diferentes tipos de articulação que as professoras realizam em seus esforços de compreender e explicar o que distingue a escrita alfabética como um sistema notacional. Suas escritas também demonstram as formas de explicitar o que entendem sobre os textos lidos, especialmente os que compõem os cadernos de formação, dentre os quais Moraes é autor de alguns deles.

Um exemplo de esforço de articulação é a resposta da professora orientadora de estudos A, que explica a escrita como "[...] um sistema notacional, pois ela é um processo interno que a criança faz. O aluno deve perceber como a escrita e a leitura funcionam para que ele possa apropriar-se dela. O aluno deve identificar e compreender o modo como o código (letras) se dá." Aqui, a professora não apenas descreve a escrita como um conjunto de regras formais, mas como um processo cognitivo, no qual o aluno precisa internalizar as funções da escrita e desenvolver uma compreensão das relações entre sons e letras. Conforme Moraes (2012), o SEA é um sistema no qual o reconhecimento dos fonemas e a capacidade de manipular suas representações gráficas exigem do aluno uma ação mais complexa do que apenas codificar ou decodificar sinais. O entendimento da professora A, portanto, reflete essa ideia de que o SEA envolve

um aprendizado ativo e reflexivo, que vai além da simples correspondência entre sons e letras.

Em outro exemplo, a professora alfabetizadora B observa: "[...] as crianças entendem que a escrita é como notas, já que as letras produzem sons e juntas vão formando outros sons até o surgimento das palavras." Essa reflexão se aproxima de uma metáfora musical, onde as letras são comparadas a notas musicais, cada uma contribuindo para a formação de uma unidade maior, no caso, a palavra. Essa concepção também remete aos pressupostos teóricos defendidos por Moraes, que definem o SEA como sistema notacional por ser constituído de unidades menores (fonemas) que, quando combinadas, formam estruturas maiores (palavras), exigindo uma coordenação de componentes e regras para se obter o sentido completo da mensagem escrita. A professora B, portanto, articula seu entendimento da escrita como um sistema que integra sons em unidades complexas.

Comparando as duas respostas, podemos observar que ambas professoras estão fazendo um esforço para articular suas compreensões em torno do conceito de SEA. No entanto, a professora A foca mais no aspecto cognitivo e pedagógico do processo de aprendizagem escrita, enquanto a professora B utiliza uma analogia musical para ilustrar a formação de palavras a partir de letras e sons. Ambas respostas, apesar de distintas em termos de argumentos expostos sobre o conceito, demonstram uma tentativa de construir uma compreensão mais profunda e conceitual sobre a natureza do SEA, alinhando-se ao que Moraes (2012) descreve como a necessidade de entender o sistema alfabético como algo mais complexo do que um código de correspondência fixa.

Essas respostas evidenciam que, embora as professoras não apresentem definições formalizadas, elas estão em processo de construção de entendimentos que aproximam a escrita alfabética de um sistema notacional, na medida em que reconhecem a complexidade envolvida tanto relativa aos aspectos conceituais em termos de definição, como os referentes ao seu ensino e aprendizagem. Ao articularem esses entendimentos, as professoras demonstram que, para além da simples memorização de regras, o ensino do SEA requer a criação de um ambiente pedagógico que permita às crianças utilizarem o sistema de forma eficaz, possibilitando-lhes aplicar a escrita de modo significativo.

Conforme Moraes (2012), a escrita alfabética, ao contrário de um código fixo e arbitrário, envolve a combinação de sons e grafias de maneira funcional e sistemática, onde a criança não apenas codifica, mas também compreende o sistema subjacente que permite a produção e interpretação da escrita. Essas evidências nas respostas das professoras sustentam a importância de considerar a escrita alfabética como um sistema notacional que requer uma integração entre sons, formas gráficas e significado, conforme articulado nas teorias que embasam este estudo. Além disso, reforça a centralidade da formação teórica do professor alfabetizador no âmbito dos domínios conceituais e pedagógicos.

4. CONCLUSÕES

Neste estudo, foi possível observar que o sistema de escrita alfabética é compreendido pelas educadoras como um sistema notacional, superando a visão simplista de uma correspondência direta entre símbolos e sons. A distinção elaborada por Moraes (2012) entre sistema notacional e código é central para essa análise, uma vez que o SEA envolve uma articulação de elementos fonológicos e ortográficos que exige compreensão ativa por parte do aprendiz. As respostas das

participantes do PNAIC revelam um esforço em articular aspectos conceituais e pedagógicos, demonstrando que as professoras alfabetizadoras reconhecem a necessidade de ir além da decodificação e promover uma alfabetização que integre as complexidades do sistema de escrita.

Com os resultados deste trabalho, reforça-se a importância de continuar investindo na formação e no desenvolvimento profissional dos docentes envolvidos com a alfabetização. A análise dos dados de escrita das professoras do PNAIC vem evidenciando que, quando elas possuem uma compreensão mais sólida sobre o funcionamento do SEA, suas práticas pedagógicas tendem a ser mais coerentes em termos conceituais e didáticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

MORAIS, Artur Gomes. **Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.